

Da Amazônia inventada de Spix e Martius aos livros didáticos: (re)produções de discursos sobre os povos indígenas na Amazônia

Leandro Guimarães Ribeiro^I
Mara Genecy Centeno Nogueira^{II}

Resumo: O presente artigo busca explorar e expandir a análise em relação às representações e (re)construções discursivas que envolvem os povos indígenas da Amazônia. Os discursos em questão abrangem as narrativas de viagens de Johann von Spix e Carl von Martius durante sua exploração pelos rios amazônicos. Estes relatos históricos servem como ponto de partida para investigar as maneiras pelas quais essas representações têm ecoado através do tempo e influenciaram a compreensão contemporânea dos povos originários da região. Ao estabelecer um paralelo entre as sequências dos naturalistas e os conteúdos presentes em livros didáticos, é possível identificar os elementos persistentes na narrativa histórica sobre os povos indígenas. Apesar dos avanços na compreensão antropológica, alguns discursos tradicionais persistem nos livros didáticos, muitas vezes perpetuando uma visão estereotipada e simplificada dos povos indígenas.

Palavras-chave: Povos indígenas; Discursos; Livros Didáticos; Spix e Martius.

From Spix and Martius' invented Amazon to schoolbook: (re)productions of discourses about indigenous peoples in the Amazon

Abstract: This article seeks to explore and expand the analysis in relation to the representations and discursive (re)constructions that involve the indigenous peoples of the Amazon. The speeches in question cover the travel narratives of Johann von Spix and Carl von Martius during their exploration of the Amazon rivers. These historical accounts serve as a starting point for investigating the ways in which these representations have echoed through time and influenced contemporary understandings of the region's original peoples. By establishing a parallel between the naturalists' sequences and the contents present in textbooks, it is possible to identify the persistent elements in the historical narrative about indigenous peoples. Despite advances in anthropological understanding, some traditional discourses persist in textbooks, often perpetuating a stereotypical and simplified view of indigenous peoples.

Key words: Indian people; Speeches; Schoolbooks; Spix and Martius.

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

Introdução

Enrique Dussel, em "*1492: O encobrimento do Outro*", apresenta uma perspectiva fundamental que considera o ano de 1492 como o marco inaugural da modernidade europeia, ao mesmo tempo que assinala a origem de um mito que continua a exercer influência até os dias de hoje, passados mais de quinhentos anos. Esse mito é responsável pela divisão do mundo em um centro, representado pela Europa, e uma periferia, que engloba os demais continentes. A partir dos primeiros encontros entre os europeus e os povos que seriam posteriormente denominados "índios", emerge uma relação que se caracteriza pela construção, invenção e subsequente dominação do Outro.

No contexto específico da região Pan-Amazônica, esse processo de invenção e (re)produção do Outro ao longo dos séculos persiste até os dias contemporâneos. Discursos que variam desde uma visão edênica para inferno verde, visando moldar a maneira como essa região é percebida. Esses discursos, frequentemente, reduzem a rica diversidade cultural dos povos amazônicos^{III}.

É evidente que tais representações não são novas na maior floresta equatorial do mundo. Dussel (1992)^{IV} e Quijano (1992)^V destacam como essa dinâmica de construção do Outro e de estigmatização de culturas não europeias desempenhou um papel significativo na formação da identidade global moderna. Essa abordagem, que desconsidera a complexidade e a multiplicidade de perspectivas, resulta em uma compreensão deturpada da região amazônica e de seus habitantes.

Neste ensaio, propomos realizar uma análise aprofundada e uma reflexão crítica sobre os discursos de ocultação e minimização da presença dos indígenas na região amazônica brasileira. Focalizaremos particularmente na perspectiva dos viajantes influentes naturalistas Johann von Spix e Carl Von Martius, que realizaram expedições exploratórias na área entre os anos de 1819 e 1820. Nosso objetivo é examinar de que maneira esses discursos têm sido transmitidos e perpetuados, tanto em livros didáticos de cunho histórico, como nos textos de cunho regional.

Para concretizar essa análise, dividiremos nossa discussão em três momentos distintos. Inicialmente, concentramos nossa atenção na análise das narrativas de viagem de Spix e Martius durante suas jornadas pela Amazônia. Durante essas explorações, os naturalistas interagiram com diversos grupos indígenas ao longo dos cursos fluviais que percorreram. Selecionaremos trechos desses relatos que testemunharam visões e atitudes dos viajantes em relação aos povos indígenas que encontraram.

Em uma etapa subsequente de nossa análise, voltaremos nossa atenção para quatro obras didáticas modernas da disciplina de História. Nosso exame crítico se concentrará tanto em livros de alcance nacional quanto em obras com abordagem regional. Pretendemos avaliar como os discursos históricos têm sido transmitidos aos alunos, investigando se há continuidade na reprodução dessas narrativas de encobrimento ou se existe um esforço para reinterpretar e abordar de forma mais honesta a história e a cultura dos indígenas.

Teias de imaginação amazônica: as visões de Spix e Von Martius

Johann von Spix e Carl von Martius, dois distintos naturalistas germânicos, desembarcaram nas terras do Brasil em 1817, inseridos na comitiva que conduziu a nobre arquiduchessa austríaca Leopoldina de Habsburgo-Lorena ao solo tupiniquim, onde ela se uniria ao príncipe Pedro de Alcântara, o futuro imperador do vasto Império Brasileiro. Naquele

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

mesmo ano, os destemidos Spix e Martius deram início a uma odisseia de exploração que os levaria a percorrer a imensidão das terras brasileiras, lançando-se a partir da fulgurante capital do Reino, a majestosa cidade do Rio de Janeiro. Nos anos que se seguiram, suas jornadas os conduziram através das regiões que hoje compõem o Sudeste e o Nordeste brasileiro, até chegarem, em julho de 1819, à cidade de Belém do Pará.

A expedição, marcada por vários desafios e descobertas, prosseguiu determinadamente até alcançar a remota Barra do Rio Negro, um ponto de convergência entre as águas que ecoam das vastas extensões do interior e as vigorosas correntes do majestoso Rio Amazonas. Foi neste cenário grandioso que os destinos dos dois naturalistas tomaram rumos distintos. Spix embarcou em uma jornada ascendente pelo rio Solimões, adentrando as fronteiras inexploradas do "presídio de Tabatinga". Enquanto isso, Martius escolheu as águas escuras dos rios Negro e Japurá como seus guias, desvendando assim um caminho igualmente enigmático. O destino selou um reencontro auspicioso dos viajantes na Barra do Rio Negro, um ano mais tarde, quando colocou um ponto final em sua incursão épica, pronto para retornar à pátria europeia. Anos depois, em 1831, suas impressões foram publicadas na obra *Reise in Brasilien – Viagem pelo Brasil: 1817-1820*^{VI}, dividida em três tomos.

Durante as duas grandiosas expedições, os referidos naturalistas transcenderam os limites da mera observação botânica e zoológica. Em suas minuciosas anotações, mergulharam nas complexidades da vida amazônica, com olhos curiosos e perspicazes. O escopo de suas observações se estendeu para além das intrincadas tapeçarias da flora e fauna, abrangendo os próprios tecidos humanos que habitavam essas paisagens exuberantes. Com uma sensibilidade aguçada, Spix e Martius registraram suas impressões sobre os amazônidas, abarcando tanto os povos indígenas enraizados na selva quanto a comunidade colonial que estabeleceu suas vidas nas vilas humildes às margens dos rios.

O resultado dessa observação é uma coleção prolífica de relatos que, embora ricos em informações, também trazem à tona as nuances das inscrições humanas. Os registros, permeados por uma lente cultural distinta, abrigam uma gama diversificada de visões, variando de sentimentos de estranhamento e ocultação a olhares admirativos que, por vezes, carregavam um toque de romantismo. As narrativas desse encontro intercultural fluem como um rio, por vezes calmo e sereno, por vezes turbulento e enigmático.

É crucial destacar que, à semelhança de outros exploradores europeus que navegaram pelas águas caudalosas do Amazonas, as impressões deixadas por Spix e Martius nos transportam a uma ampla paleta de experiências. Suas palavras nos conduzem de uma paisagem edênica, onde a natureza exala sua majestade intocada, até os contornos de um território estrangeiro, onde o exótico se mistura com o desconhecido. Uma natureza muitas vezes romantizada ganha vida em seus escritos, mas essa romantização contrasta, por exemplo, com as peculiaridades alimentares dos povos amazônicos, que por vezes foram percebidas como "repugnantes".

Nesse mar de impressões entrelaçadas, as anotações de Spix e Martius nos convidam a contemplar o próprio ato de observar e narrar, uma dança complexa entre o olhar do observador e a realidade observada. O olhar estrangeiro se desenrola como um mapa que desvenda os contornos da terra e da alma, mas também revela as projeções inerentes ao olhar do observador. Assim, enquanto folheamos as páginas de suas narrativas enriquecedoras, somos instigados a explorar os matizes da percepção humana e a reflexão sobre como os retratos da Amazônia se entrelaçam com as narrativas históricas e culturais que moldaram a visão ocidental do "outro" e do "desconhecido".

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

[...] de felicidade suprema se enche o coração do homem que, saindo das sombrias matas amazônicas, pode ali gozar de cálida suavidade dos dias, da solene calma das noites. Foi esta a primeira impressão com que nos encantou a nossa estada de alguns dias em Barra do Rio Negro, e, quanto mais aqui nos demorávamos, tanto mais se afirmava em nós o conceito de que essa região fora criada para doces saudades, contemplações filosóficas, sagrada paz, profunda gravidade ^{VI}.

Aborrecido, ele [um indígena] seguiu-me pelo mato adiante e, de improviso, sumiu-se. Depois de chamar por ele muitas vezes, vi-o deslizar de uma enorme árvore oca e, à minha pergunta por que se havia escondido lá, mostrou-me um punhado de grandes larvas de besouros, que tinha colhido do pau podre, e, agora, cortando-lhes com os dentes a cabeça e chupando o resto, saboreava-as gostosamente. Essa repugnante comida é tão apreciada pelos índios como as formigas grandes. Comem-nas cruas ou assadas na própria gordura, e afirmam que fazem aumentar o leite das mulheres que amamentam ^{VI}.

Quando nos aprofundamos nas impressões desses naturalistas, percebemos que deixaram marcas registradas sobre os amazônidas, com ênfase especial nos povos indígenas que povoavam a vasta Capitania, um aspecto notável emerge: a busca fervorosa por um conhecimento prévio e profundo da região. Essa busca os levou a mergulhar em uma variedade de fontes, um verdadeiro tesouro de informações que remonta a tempos distantes e que abrangia desde os relatos vívidos das viagens de exploradores anteriores, como Cristóbal Acuña, cujas palavras foram imortalizadas em 1641, até o minucioso "*Roteiro da Viagem da Cidade do Pará, até às últimas colônias do sertão da Província*" (1768), elaborado pelo erudito Vigário-Geral do Pará, José Monteiro de Noronha.

As anotações que Spix e Martius fizeram sobre os habitantes desse vasto domínio amazônico se revelaram um campo de estudo particularmente intrigante para os naturalistas. Eles não se contentaram com a mera coleta de informações de segunda mão; pelo contrário, decidiram explorar confiantemente os cantos mais remotos e menos explorados dessa terra exuberante. A exemplo disso, Martius realizou uma incursão aérea ao montante da praia de Camará-Coari, situada em Alvelos, atualmente conhecida como Coari. Foi nesse cenário deslumbrante que ele testemunhou a presença impressionante de "*vastos bosques de cacauzeiros bravos*", uma visão que se desdobrou diante de seus olhos e que levou à especulação de que indivíduos indígenas em grande número deviam ter habitado ali em tempos de antanho. Essa interpretação ecoa em harmonia com as narrativas anteriores.

No entanto, uma análise meticulosa de Martius também revela uma mente aguda e crítica. Ele não apenas absorveu passivamente as informações legadas por seus predecessores, mas também discerniu nuances e bloqueios presentes nos etnônimos associados aos indígenas. Sua abordagem reflexiva levou-o a reconhecer a inadequação dessas categorizações simplistas. Suas considerações, habilmente registradas, ecoam em consonância com as análises modernas, demonstrando a habilidade de Martius em discernir as nuances culturais e sociais que permeiam as vidas daqueles povos e evitando generalizações sofridas.

Nesse ponto, observamos a sinergia entre o passado e o presente, um diálogo entre eras distintas que moldam nossa compreensão do Brasil amazônico e suas gentes ^{VII}.

Assim que pisaram em solo da cidade do Pará (Belém), e ao longo de suas explorações pelas vastas terras que percorreram, Spix e Martius meticulosamente consignaram registros que abarcavam os aspectos tangíveis e etéreos dos grupos nativos com os quais cruzam. Suas palavras, impressas nas páginas do tempo, capturaram as facetas físicas, sociais e testemunhas

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

dessas culturas ancestrais. Embora, no presente, muitas dessas narrativas sejam mantidas a um olhar crítico que considera o contexto e o pensamento da época, é impossível ignorar que, em meio a essas crônicas, há passagens que descrevem "depravações", "vícios" e "degenerações" que, supostamente, permeavam a vida dos indígenas. O eco dessas ideias do passado persiste, atravessando os véus do tempo.

O legado dessas ideias ainda se faz sentir, reverberando através dos séculos e desafiando esforços contemporâneos para redefinir essa narrativa. Autores de obras didáticas e especializadas têm se empenhado em reconstruir a narrativa, em lançar luz sobre as complexidades das sociedades indígenas, sua rica cultura e suas contribuições à formação do mosaico cultural brasileiro. No entanto, ainda enfrenta a resistência do legado histórico e das evidências enraizadas.

Os naturalistas anotaram que os indígenas se ocupavam de diversos afazeres, seja a serviço de particulares, seja a serviço do Estado. Segundo Spix e Martius, tiveram a impressão de que naquela província a mão-de-obra indígena prevalecia sobre o trabalho de negros escravizados. A justificativa, reproduzida por alguns pesquisadores modernos, era a viabilidade econômica em se servir do trabalho de pessoas que estavam mais "disponíveis"^{VIII}. Dessa feita, os viajantes germânicos anotaram sobre um batalhão de infantaria formado somente por indígenas e que, segundo eles, faziam parte de um sistema "desvantajoso" de trabalho, o qual poderia ser mais bem aproveitado nas tarefas agrícolas. Os viajantes consideravam, ainda, que esse sistema promovia a 'degradação física e moral' dos indígenas:

[...] para todos esses fins, são requisitados, diversas vezes por ano, bandos inteiros de índios jovens, tirados dos aldeamentos do interior e da Ilha de Marajó, e remetidos para a cidade [Belém], onde recebem a diária de três vinténs, além de casa e comida. Esse sistema traz, entretanto, grandes desvantagens, pois arrancando a robusta mocidade à lavoura e à vida conjugal nos aldeamentos, às vezes durante anos, e trazendo-os à capital para desacostumadas condições de serviço, estorva-se o crescimento da população e favorece-se a depravação moral e física dessa raça. Só muito raramente traz consigo o índio casado a família para a cidade, e também quase exclusivamente empregam-se homens, e com isso se determina na cidade grande desproporção dos sexos, causadora de imoralidade e de doenças malignas^{VI}.

Outra queixa de Spix e Martius em relação aos indígenas dizia respeito às etnias e línguas faladas, e justificavam as "guerras intertribais" como causadoras da "Babel" indígena, como se pode ler no excerto a seguir, anotado durante a passagem dos naturalistas pela região de Santarém:

[...] os índios da redondeza, empregados dos colonos ou donos de pequenas roças, eram cruzamento de numerosas tribos: dos jacipuiás, jurunas, cariberis, curiarés (curiverés), cuzaris, guaruarás, todas morando entre o Xingu e o Tapajós, e os passes, juris, uainumás, marauás e miranhas, que foram trazidos das regiões a oeste, sobretudo do Japurá. Todas essas tribos refundiram-se ao contato dos brancos, muitas vezes dentro de poucos anos, numa população quase homogênea nos costumes e na língua. Muito poucos se recordavam ainda da sua primitiva fala; também poucos haviam assimilado perfeitamente o português ou a língua geral. [...] Reunidos pelo acaso, esses índios entre si concordam plenamente no ódio, que cada um, de acordo com as impressões e os sentimentos herdados de sua tribo, vota contra qualquer outra^{VI}.

Do fragmento lido, deduz-se a visão que generaliza os povos indígenas, como se caminhassem em uma espécie de linha evolutiva que fatalmente os levariam a aspectos culturais

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

universais. Todavia, tais acontecimentos estão mais relacionados às consequências de séculos de exploração, responsáveis pela desagregação de inúmeros modos de se viver.

Os aspectos físicos dos povos contatados por Spix e Martius também foram anotados com profusão. Deve ser levado em conta que, no século XIX, os indígenas listavam na seção de zoologia ^{IX}, de modo que, muitas vezes, eram caracterizados com feições “delicadas”, “dóceis”, mas também “horrendas”, “bravias”, “abjetas”. Há uma gravura um tanto divulgada, especialmente nos livros de História da Amazônia, que reconstitui a visita dos dois germânicos, acompanhados de um Mundurucu, a uma aldeia Mura.

No episódio, os viajantes anotaram que o Mundurucu fazia questão de demonstrar que havia subjugado o outro povo, com quem faziam guerras, em aliança aos portugueses, desde o século XVIII. A narrativa se resume a mostrar as condições precárias de moradia dos Mura visitados, assim como a fisionomia dos moradores:

[...] quando entramos nessa cabana, acompanhados do mundurucu, fechou-se a carranca do tuxaua [Mura], num misto de cólera, embaraço e temor que pareceu aliviado quando da cabana baixa e enfumaçada nos retiramos para o ar livre. Também nos bastaram poucos minutos para ver-lhes os pobres e sujos objetos caseiros. Em parte alguma nos pareceu tão medonha e triste a miséria do silvícola americano, como ali. Tudo indicava que mesmo as mais simples necessidades da vida se satisfaziam de folhas de palmeira e ripas, cuja porta baixa também servia de janela e de chaminé, tinha quando muito o comprimento de uma rede, feita não com o artístico trançado, mas simplesmente de uma casca de árvore em forma de canoa. Além das armas, faltava todo utensílio doméstico. A mulher, que à nossa entrada fugiu espavorida do leito, estava tão pouco vestida como o homem e as crianças pertencentes à horda. A expressão das fisionomias era feroz, hesitante, abjeta” ^{VI}.

Dentro das páginas tecidas por Spix e Martius, as cenas dos povos indígenas, não apenas da vastidão amazônica, mas também das demais regiões que receberam a visita dos naturalistas, frequentemente se enredam em generalizações simplistas e em conjecturas que traçam linhas traçadas origens indígenas, como já mencionamos. No entanto, como um baú do tempo, os achados das pesquisas históricas, linguísticas, antropológicas, etnográficas e arqueológicas têm desvendado trilhas distintas, contradizendo muitas dessas premissas.

Cabe-nos destacar, que em certos livros didáticos, há uma visão que ainda se propaga aos leitores, em especial aos estudantes do ensino fundamental e médio, mas que também alcançam acadêmicos e leitores ávidos por conhecimento. O que essas páginas revelam é um caleidoscópio de ideias, que quase sempre ecoa as reverberações do passado.

Os indígenas nos livros didáticos

A partir da promulgação da Lei nº 11.645/2008 ^X, um marco importante que determinou a inclusão obrigatória do estudo da história e da cultura indígena e afro-brasileira no currículo das escolas de ensino fundamental e médio, foi possível notar uma consciência crescente por parte dos autores de livros didáticos de História, que agora se debruçam com maior meticulosidade sobre a trama intrincada da história dos povos originários, não apenas do Brasil, mas também de todo o continente americano.

Embora os níveis de ensino em questão demandem aproximações adaptadas, visto que reflexões profundas sobre as histórias dos povos indígenas, mais propriamente do ambiente acadêmico, não são viáveis, há um movimento enriquecedor em direção à interdisciplinaridade presente nas obras textuais. O diálogo entre historiadores e uma gama diversificada de outros

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

especialistas, incluindo linguistas, arqueólogos, antropólogos e cientistas sociais, delineia uma nova abordagem colaborativa, uma sinfonia de vozes variadas que se harmonizam na construção do conhecimento ^{XI}.

Dessa maneira, as páginas desses livros se tornam estágios efervescentes de aprendizado, onde as disciplinas se entrelaçam em compreensão. O ensino da história e cultura indígena se transforma em uma jornada enriquecedora e holística, uma abordagem que se coaduna com a riqueza e complexidade dos povos originários. À medida que os estudantes se aventuram nessas narrativas interdisciplinares, são convidados a explorar, questionar e apreciar a herança indígena, promovendo uma conexão mais autônoma e significativa com o tecido da história e da identidade brasileira.

Com o objetivo de investigar como os povos indígenas, especialmente aqueles que sempre habitaram o Brasil, são apresentados nos livros didáticos publicados ao longo das últimas duas décadas, foram selecionadas quatro obras: "Nova História Crítica", de autoria de Mario Schmidt (2001)^{XII}; "História: Passado e Presente", escrito por Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi (2016)^{XIII}; "História Regional: Rondônia", de Marco Antônio Domingues Teixeira e Dante Ribeiro da Fonseca (2001)^{XIV}; e "História da Amazônia: do período Pré-Colombiano aos desafios do século XXI", de Marcio Souza (2019)^{XV}. As duas primeiras obras são direcionadas ao ensino da disciplina de História Geral e do Brasil, enquanto as duas últimas focalizam a História da Amazônia.

As leituras atentas se concentraram nos capítulos dedicados à trajetória histórica dos povos indígenas, abrangendo tanto aqueles do continente americano quanto os que habitavam o território brasileiro antes da chegada dos colonizadores europeus. Em termos gerais, os historiadores e autores das obras em questão buscaram comunicar o conteúdo de forma acessível e adequado às diferentes séries para quais os livros são destinados. Vale ressaltar a ênfase atribuída aos aspectos sociais intrínsecos às comunidades indígenas, realçando a riqueza da multiculturalidade presente entre esses povos. Um elemento notável nas obras preservadas é a atenção tratada às diversas matrizes linguísticas que caracterizam como indígenas do Brasil; essa questão requer considerações mais diferenciadas, que serão exploradas mais adiante.

O primeiro livro analisado, "Nova História Crítica", apresenta uma peculiaridade interessante ao antecipar-se à Lei da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, tratando desses temas com abordagem abrangente. Mario Schmidt conduz os leitores através da compreensão dos diferentes modos de vida, meios de subsistência, estruturas de parentesco e sistemas de liderança que caracterizam os povos indígenas. Uma faceta relevante destacada nesta obra é a orientação aos alunos para o uso ponderado do termo "índio", sinalizando um compromisso com a sensibilidade linguística e cultural, como podemos observar no excerto abaixo,

[...] os europeus chamaram os povos da América de índios. Nós até podemos utilizar a palavra índio se não nos esquecermos de que os povos indígenas eram bem diferentes uns dos outros. Cada nação indígena tinha seu próprio idioma, sua maneira de cortar o cabelo, de fazer ferramentas, de construir cabanas, de se vestir e se enfeitar, moldar vasos, de casar, de fazer guerra, de preparar a comida, de cuidar dos filhos, de apreciar a beleza, de homenagear os mortos e os deuses. Portanto, cada povo indígena tinha sua própria vida ^{XII}.

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

No contexto das análises acerca das (re)produções de discursos, uma consideração relevante surge na obra investigada: a referência à divisão genérica dos indígenas em categorias de Tupis e Tapuias. Contudo, é evidente que essa demarcação foi forjada pelos colonizadores portugueses. Aprofundando-se nesse tema, o autor não hesita em reconhecer que a distinção dos povos conhecidos como Tapuias, em sua maioria falantes de línguas Jê, é apenas um fragmento do panorama linguístico diversificado que permeia o território que hoje compreende o Brasil.

É notório que a obra consultada desvela uma dinâmica complexa e multifacetada na qual a categorização dos povos indígenas reflete o olhar colonizador, que por vezes obscureceu as verdadeiras nuances culturais e linguísticas desses grupos. A divisão simplificada em Tupis e Tapuias, claramente uma concepção imposta por aqueles que chegaram ao continente, não abarca a riqueza da multiplicidade de etnias e línguas que florescem no solo brasileiro ancestral.

A respeito da denominação Tapuia, a obra revela uma compreensão esclarecida ao apontar que muitos dos grupos assim classificados eram, na verdade, falantes de línguas Jê. No entanto, essa análise vai além, ressaltando que inúmeras outras matrizes linguísticas ecoavam nas terras do Brasil à época. Essa abordagem reconhece o vasto mosaico cultural e linguístico que se entrelaçou em diferentes regiões, desfazendo os rótulos simplistas que foram historicamente atribuídos a esses povos.

Azevedo e Seriacopi abordam de forma crítica o processo de contato dos povos originários no Brasil com os colonizadores portugueses. Em *História: passado e presente*, os autores defendem “mosaico de sociedades, línguas e culturas”, representativas de mais de 1300 línguas. Esclarecem que o termo “Tapuia” era pejorativo e discriminava pessoas falantes de línguas não-tupi. Ponto importante da obra é que os estudantes são aconselhados a entender as informações sobre os povos indígenas em linhas gerais: “[...] apesar de partilharem muitos hábitos e costumes, cada povo tinha suas particularidades. Alguns preservam esses hábitos até hoje; outros, não. Por isso, as informações [...] devem ser entendidas como aspectos gerais”^{XIII}.

História Regional: Rondônia, de autoria de Marco Teixeira e Dante Fonseca, aborda em todos os seus capítulos questões indígenas, tanto direta, quanto indiretamente. Os autores destacam as organizações sociais dos diversos povos, registrando a multiplicidade cultural existente. Assim, como nas obras já discutidas, fazem menção aos povos Tupi, mas também apresentam exemplos de outros povos, falantes de outras línguas, listadas no primeiro capítulo da obra. Outro dado importante trata da integração do indígena ao ambiente em que vivia. Todavia, baseados em estudos linguísticos e pesquisas posteriores, percebe-se que, lado a lado estão povos indígenas com denominações étnicas dadas por colonizadores ou povos inimigos. Isso é consequência de fontes primárias e secundárias que, muitas vezes, induzem o pesquisador e equívocos, como atestou Ramirez^{VII}.

A quarta obra revisada, *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*, de Márcio Souza, está em sintonia com produções recentes que buscam compreender como a Amazônia e seus habitantes foram inventados, do ponto de vista literário^{XVI}. Souza traz à discussão desde ideias do século XV, período coincidente com a chegada dos europeus à América, até “hipóteses” defendidas nas últimas décadas, consideradas pseudociência pelo autor. O autor assinala que os povos indígenas eram numerosos, falavam muitas línguas e portadores de múltiplas matrizes culturais. É importante destacar que o referido autor, se posiciona contra a ideia do “vazio demográfico” que supostamente sempre se fez presente na Amazônia, quando é, na verdade, discurso que se iniciou no período colonial e encontra defensores nos dias atuais:

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

[...] quando os europeus chegaram, no século XVI, a Amazônia era habitada por um conjunto de sociedades hierarquizadas, de alta densidade demográfica. Ocupavam o solo com povoações em escala urbana, contavam com um sistema intensivo de produção de ferramentas e cerâmicas, uma agricultura diversificada, uma cultura de rituais e de ideologia vinculada a um sistema político centralizado, e uma sociedade fortemente estratificada. Essas sociedades foram derrotadas pelos conquistadores, e seus remanescentes foram obrigados a buscar a resistência, o isolamento ou a subserviência. O que havia sido construído em pouco menos de 10 mil anos foi aniquilado em menos de 100, soterrado em pouco mais de 250 anos e negado em quase meio milênio de terror e morte ^{XV}.

Das análises realizadas, ressalta-se o notável destaque conferido à divisão dos povos indígenas brasileiros em dois troncos linguísticos predominantes. No entanto, os autores reconhecem a intrincada realidade de que ensaios não são de modo algum exclusivos e, em contrapartida ao que foi outrora afirmado por Spix e Martius, elas não estavam predestinadas a permanecerem como meros dialetos efêmeros. Apesar dos séculos marcados por exploração, escravidão e genocídio, que lamentavelmente resultaram na extinção de inúmeras línguas, algumas das quais talvez jamais tiveram a chance de serem escutadas pelos colonizadores, a contemplação do território brasileiro revela uma verdade multifacetada: uma tapeçaria de milhares de línguas, intrinsecamente entrelaçadas em pelo menos seis notáveis troncos linguísticos.

É inegável que os registros históricos e as narrativas exploratórias do passado muitas vezes pintem uma imagem limitada e parcial do panorama linguístico do Brasil. No entanto, ao lançar um olhar mais profundo e abrangente sobre a realidade, emergem as vozes de uma miríade de línguas que ecoam através do tempo, testemunhando a riqueza e a diversidade das culturas que moldaram o território.

É importante observar que o tronco linguístico Arawak, por exemplo, se destaca como um pilar de diversidade e influência, marcando sua presença de maneira significativa. E o notável tronco Tupi, que muitas vezes assume o protagonismo nas narrativas históricas, compartilha o palco com outros troncos igualmente robustos, cada qual com sua história e complexidade.

Nesse contexto, as análises críticas desenvolveram um retrato mais rico e matizado da história linguística e cultural do Brasil. O testemunho de pesquisadores expressivos, como Nimuendaju ^{XVII, XVIII}, ecoa ao longo das décadas, reforçando a importância de reconhecermos a vasta tapeçaria de línguas que moldou as civilizações indígenas. Ao reconhecer essa diversidade, somos desafiados a reescrever a narrativa da história indígena do Brasil, prestando homenagem à multiplicidade de vozes e ao legado inestimável que perdura até os dias atuais.

Conclusão

Os textos analisados provam uma distância das concepções generalistas do século XIX que retratavam os indígenas da Amazônia como uma única cultura essencialmente primitiva, pertencentes a um ou dois grupos linguísticos principais e supostamente mesclados entre si. Apesar das várias impressões promovidas pelo material cultural elaborado por Spix e Martius, a perspectiva dos naturalistas estava prejudicada, pois eles se concentravam apenas nos aspectos compartilhados entre os indígenas.

Percebemos, no entanto, ao analisarmos os discursos presentes em livros didáticos e outras obras vinculadas a História Regional, verificamos que o material carrega um

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

distanciamento dos discursos apresentados por Spix, Martius e outros naturalistas. A partir das análises realizadas, fica evidente que os autores se esforçaram para destacar as claras diferenças socioculturais entre os povos originários no Brasil. No entanto, um aspecto possivelmente reproduzido é a dicotomia entre os povos tupis e tapuias (os não-tupi), sendo estes últimos identificados como falantes de línguas Jê, o que contraria estudos etno-linguísticos que apontam para uma maior diversidade linguística^{XVII, XIX, XX}.

O conjunto de obras revisadas evidencia a preocupação dos autores em se distanciar de generalizações e relativismos, ao mesmo tempo em que se comprometem a seguir as orientações da Lei nº 11645/2008, com o propósito de oferecer aos estudantes e leitores um conhecimento científico crítico e formador de opinião. Dessa forma, eles se afastam das reproduções dos discursos, como os de Spix e Martius, a respeito dos indígenas.

Notas

^I Discente do Mestrado Acadêmico em História da Amazônia – PPGHAM da Universidade Federal de Rondônia – UNIR – e-mail: leandrovimaranes@gmail.com

^{II} Professora doutora do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia e do Mestrado Acadêmico em História da Amazônia – PPGHAM – e-mail: maracento@unir.br

^{III} GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Organização: Tenório Telles. 3ª edição, revista pela autora. Manaus: Editora Valer, 2019 (Série Memórias da Amazônia).

^{IV} DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do Outro** (a origem do “mito da modernidade”) Conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

^V QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidade. **Perú Indígena**, nº 13(29), 192, pp. 11-20.

^{VI} SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. **Viagem Pelo Brasil: 1817-1820**. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. 3 volumes.

^{VII} RAMIREZ, Henri. Etnônimos e Topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília: v. 2, n. 2, p. 13-58, 2010.

^{VIII} ALMEIDA, Raimundo Neves de. **Retalhos históricos e geográficos de Humaitá**: documento histórico de Humaitá 1869 a 1970. 2ª edição. Porto Velho: O Autor. 2005.

^{IX} CASAL, Manuel Aires de. **Corografia brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1817.

^X BRASIL, Lei nº 11.645/2008. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso 2 Jun. 2023.

^{XI} VIEIRA, Martha Victor. Ensino de História e Interdisciplinaridade. **Fragmentos de Cultura**: Goiânia, vol. 32, nº 2, p. 309-321, 2022. Doi: 10.18224/frag.v32i2.12171. <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/12171/6179> Acesso: 31 Mai 2023.

^{XII} SCHIMIDT, Mario Furley. Nova **História crítica**. São Paulo: Editora Nova Geração, 1999.

^{XIII} AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. **História: passado e presente**. São Paulo: Ática, 2016.

^{XIV} TEIXEIRA, Marco Antonio D.; FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional: Rondônia**. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

^{XV} SOUZA, Márcio. **História da Amazônia [recurso eletrônico]: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2019. Recurso Digital.

^{XVI} NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. Olhares literários sobre as Amazônias: pós-colonialismo, identidades e memórias no mar de águas doces. CAPAVERDE, Tatiana da Silva; AMARO, Luiz Eduardo Rodrigues; NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno (orgs). **Perspectivas literárias pós-coloniais**. Boa Vista: Editora da URFF, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43954322/Perspectivas_literarias_p%C3%B3s_coloniais Acesso 18 Nov. 2022.

^{XVII} NIMUENDAJU, Curt. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes** (livro). Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

^{xviii}NIMUENDAJU, Curt. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes (1944)**. Escala 1: 5.000.000. 2ª impressão. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

^{xix}RAMIREZ, Henri. A Família Arawak. **Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: comparação e descrição**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

^{xx}NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Referências

ALMEIDA, Raimundo Neves de. **Retalhos históricos e geográficos de Humaitá**: documento histórico de Humaitá 1869 a 1970. 2ª edição. Porto Velho: O Autor, 2005.

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. **História: passado e presente**. São Paulo: Ática, 2016.

BRASIL, **Lei nº 11.645/2008**. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm Acesso 2 Jun. 2023.

CASAL, Manuel Aires de. **Corografia brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brazil**. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do Outro** (a origem do “mito da modernidade”) Conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Organização: Tenório Telles. 3ª edição, revista pela autora. Manaus: Editora Valer, 2019 (Série Memórias da Amazônia).

NIMUENDAJU, Curt. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes** (livro). Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

_____. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes (1944)**. Escala 1: 5.000.000. 2ª impressão. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. Olhares literários sobre as Amazônias: pós-colonialismo, identidades e memórias no mar de águas doces. CAPAVERDE, Tatiana da Silva; AMARO, Luiz Eduardo Rodrigues; NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno (orgs). **Perspectivas literárias pós-coloniais**. Boa Vista: Editora da URFF, 2020.
Disponível em: https://www.academia.edu/43954322/Perspectivas_literarias_p%C3%B3s_coloniais Acesso 18 Nov. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/razionalidade. **Perú Indígena**, nº 13(29), 1992, pp. 11-20.

RAMIREZ, Henri. A Família Arawak. **Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: comparação e descrição**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

DA AMAZÔNIA INVENTADA DE SPIX E MARTIUS AOS LIVROS DIDÁTICOS:
(RE)PRODUÇÕES DE DISCURSOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RIBEIRO, L.G.
NOGUEIRA; M.G.C.

_____. Etnônimos e Topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília: v. 2, n. 2, p. 13-58, 2010.

SCHIMIDT, Mario Furley. **Nova História crítica**. São Paulo: Editora Nova Geração, 1999.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia [recurso eletrônico]: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2019. Recurso Digital.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedich Phillip von. **Viagem Pelo Brasil: 1817-1820**. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. 3 volumes.

TEIXEIRA, Marco Antonio D.; FONSECA, Dante Ribeiro. **História Regional: Rondônia**. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

VIEIRA, Martha Victor. Ensino de História e Interdisciplinaridade. **Fragmentos de Cultura: Goiânia**, vol. 32, nº 2, p. 309-321, 2022. Doi: 10.18224/frag.v32i2.12171. <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/12171/6179> Acesso: 31 Mai 2023.